

PERSPECTIVA DE PRÁTICAS LITERÁRIAS INTERPELADAS POR NOÇÕES DISCURSIVAS

Laurianne Guimarães Mendes¹

¹Universidade Estadual de Mato Grosso, laurianne.guimaraes@unemat.br

Resumo: A leitura deve ser vista como uma competência indispensável à vida sociocultural. Uma vez que, muitas vezes a cultura de uma determinada região é disseminada por intermédio de textos escritos, o que acaba por convencionar que as pessoas que têm acesso a essas informações de forma crítico-reflexiva conseguem uma melhor colocação social. Essa competência pode ser desenvolvida com base em práticas distintas, estruturadas no currículo da educação básica e, principalmente, no planejamento individual do professor, uma vez que é por meio da inserção dessa competência no cotidiano da escola e em sua presença na prática docente em todos os seguimentos do ensino que os alunos irão conseguir desenvolver sua leitura interpretativa e reflexiva. Percebe-se que durante a produção textual consegue se perceber o nível de desenvolvimento deles em relação ao letramento e as suas competências gramaticais. Assim, cabe se pensar que ao se interpelar o ensino da escrita e da leitura com as práticas sociais em que essas emergem por meio de filmes (prática literária), a probabilidade de o sujeito tornar-se mais suscetível a lançar um olhar crítico e reflexivo durante a leitura de um texto e, nomeadamente, ao realizar a escrita de um texto. Ao se escrever um texto, independentemente do gênero textual, é necessário agregar o conhecimento de mundo à argumentação, pois, somente assim o sujeito conseguirá elaborar uma discussão acerca de um ponto de vista. Desse modo, objetiva-se com esse texto uma análise acerca de como o trabalho com filmes pode ser mais proveitosa no ensino literário tendo como base o mirante teórico discursivo. Assim, a metodologia adotada buscou analisar a escrita não apenas como um produto, mas como um processo contínuo de construção de significados, que se constitui nas interações entre professor, aluno e práticas discursivas presentes na sala de aula. Por fim, o estudo demonstrou que estratégias de ensino centradas na interação e na reflexão crítica podem contribuir para o desenvolvimento de práticas de letramento mais conscientes, promovendo uma aprendizagem da escrita que vá além do domínio da norma gramatical e se conecte à vivência sociocultural dos participantes.

Palavras-chave: Prática literária. Linguística Aplicada. Produção textual.

INTRODUÇÃO

Durante o decurso dos anos, percebe-se que o ensino, de modo geral, experimenta diversas mudanças. Faz-se necessário destacar que essas alterações perpetuam sobre o processo de ensino-aprendizagem, mas, além disso, também estão presentes em questões de conteúdo. No ensino de línguas é excepcionalmente complexo realizar uma avaliação acerca do que os alunos realmente aprenderam. Percebe-se que durante a produção textual consegue se perceber o nível de desenvolvimento deles em relação ao letramento e as suas competências gramaticais. Nos últimos anos é notório o enfraquecimento do nível de produção dos alunos tendo como base o resultado do

ENEM, obviamente, deve se levar em consideração que diversos fatores emocionais influenciam no momento de escrita dos alunos, contudo, cabe investigar o porquê de o rendimento dos alunos caírem cada vez mais durante o momento de produção textual.

É fundamental que as competências adquiridas pelos sujeitos na escola façam parte da sua convivência de comunicação, e isso vai ser explícito nas suas produções, porém é notável que o atual modelo de ensino propagou que os alunos devem dominar as habilidades de escrita e de leitura de forma automática, sem se preocupar com a interpretação crítico-reflexiva, com a compreensão acerca daquilo que estavam lendo e, principalmente, como aplicar o que se aprende dentro dos seus textos. Cabe ao professor a função de fazer com que um aluno alfabetizado desenvolva o letramento, isso se dará com o uso de atividades que promovam uma boa leitura e escrita.

O letramento está interligado com as produções textuais e envolve muito mais que uma competência ou competências que estão ligadas na leitura do sujeito. Abrange inúmeras capacidades, informações e conhecimentos, que não necessitam ter uma relação direta com a leitura escolar, uma vez que o letramento tem início muito antes de o sujeito ser alfabetizado, visto que ainda na primeira infância este consegue realizar inúmeras interpretações acerca de um fato isolado, porque consegue relacionar suas práticas de letramento com o meio social em que habita, assim, é necessário que a escola procure desenvolver de forma mais abrangente sua leitura de mundo.

Desse modo, objetiva-se com esse texto uma análise acerca de como o trabalho com filmes pode ser mais proveitosa no ensino literário tendo como base o mirante teórico discursivo.

METODOLOGIA DE PESQUISA OU MATERIAL E MÉTODO

A metodologia adotada em nossa discussão se fundamenta em uma abordagem qualitativa de cunho interpretativista, alicerçada nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada contemporânea, sobretudo em seu caráter interdisciplinar e transdisciplinar. Tal perspectiva permite compreender o fenômeno investigado, especificamente o desenvolvimento da escrita e da leitura crítica, a partir das práticas de linguagem que emergem em contextos reais de ensino. Assim, a pesquisa busca não apenas descrever as práticas discursivas observadas, mas interpretá-las à luz das relações sociais, históricas e ideológicas que interpelam o processo de ensino-aprendizagem da escrita. A escolha pela pesquisa qualitativa se justifica por compreender que o sujeito pesquisador não é neutro,

mas constrói o corpus a partir de suas próprias visões de mundo. Vale destacar também que, graças a interdisciplinaridade com a Análise do Discurso, entendemos que é imprescindível destacar que, no campo da AD francesa, o estabelecimento do corpus já é uma primeira análise, na medida em que decidir o que fica dentro ou fora da remarca um posicionamento teórico/gesto analítico do sujeito analista frente à obra que se pretende analisar.

Além disso, fundamentamo-nos nos pressupostos da abordagem sociointeracionista, conforme Vygotsky (2007), de modo a compreender a linguagem como instrumento de mediação nas relações sociais e no desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, a metodologia proposta visa não apenas observar a escrita enquanto um produto, mas compreendê-la como um processo de construção de sentido que emerge das interações entre professor, aluno e práticas discursivas em sala de aula. Assim, a pesquisa busca evidenciar como as metodologias de ensino pautadas na interação e na criticidade podem favorecer práticas de letramento reflexivo e promover um ensino de escrita que transcenda a mera aplicação da norma gramatical, articulando-se com a realidade sociocultural dos sujeitos envolvidos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em primazia é importante observar que lançar o olhar para as práticas de linguagem e a interpelação delas no ambiente social não é algo novo. A partir dos estudos interacionistas pensar na relação homem-sociedade-língua tornou-se o cerne da questão linguística para alguns campos, tal como a sociolinguística. Contudo, os eventos linguísticos que perpassaram a Segunda Guerra Mundial, sobretudo aqueles ligados ao ensino de inglês para os soldados, culminaram em questionamentos acerca do processo que interpela a aprendizagem de línguas. É assim que se inicia a trajetória do campo da Linguística Aplicada.

Desse modo, emana nesse momento uma nova perspectiva que busca aplicar os estudos linguísticos que fervilhavam ao aprendizado de línguas. Todavia, percebe-se que a partir da década de 70 há a necessidade de ampliar esse viés de mera aplicação linguística, uma vez que, começam a surgir problemas que não encontram explicação e não possuem embasamento dentro da própria linguística. Assim, é nesse momento que, segundo Moita Lopes (2011) podemos observar a primeira “virada” da Linguística

Aplicada, onde passa a haver uma necessidade de se engendrar uma teoria que não seja dependente do modelo linguístico. E, assim, é perceptível a recorrência de teorias advindas de campos como a Psicologia Cognitiva e a Sociologia que deem conta da alta gama de problemáticas que envolvam o processo de ensino-aprendizagem de uma língua.

Vale ressaltar que, nesse primeiro momento, os teóricos se dão conta de que, por ser uma instituição viva, a língua não permanece estática e o tempo todo sofre mudanças. Uma vez que, do mesmo modo que a linguagem modifica a sociedade ao seu redor, a sociedade ao seu redor a modifica. Assim, certos preceitos advindos puramente da linguística não davam conta dos problemas que surgiam, afinal, havia certas discrepâncias sociais no que se refere as problemáticas que assolavam o momento de produção das teorias e o momento de colocar em uso elas.

Levando em consideração tudo que foi posto até o presente momento, pode-se perceber as primeiras nuances para o que irá ser conhecido como segunda “virada” linguística. Ao se perceber a influência social e em como a linguagem faz parte de todos os momentos de interação, revelou-se importante pensar em investigações que fossem além do mero olhar a respeito do ensino de língua estrangeira que era puramente a inglesa e a tradução. Assim, observa-se a relevância em se trabalhar com outros contextos de ensino que não fossem puramente escolar e, principalmente, o olhar transcende também para a língua materna. No Brasil, segundo Moita Lopes (2011), podemos perceber essa mudança a partir da década de 90.

Antes de prosseguirmos com a contextualização da Linguística Aplicada é interessante pensarmos a respeito dos conceitos: língua estrangeira e língua materna. Desde a Segunda Guerra Mundial e sua influência no surgimento da Linguística Aplicada, podemos notar a questão da colonialidade se fazendo presente nesse campo. Não podemos excluir os ideais sociais, econômicos e históricos que culminaram na propagação do ensino de inglês ao redor do mundo. Essa “escolha” aponta para uma divisão que demarcou e, ainda hoje, demarca o mundo: a parte norte e a parte sul. A língua deve ser compreendida como um instrumento de poder que ajuda na manutenção de dominação.

A terceira e última “virada” da linguística aplicada será conhecida como a discursiva. Ela conta com Foucault enquanto precursor para pensar em questões inerentes ao discurso e as práticas discursivas que norteiam o uso da linguagem pelos

sujeitos sociais. Assim, podemos notar que a Linguística Aplicada atualmente tem como principal objetivo a resolução de problemas da linguagem em uso, sendo que, esses problemas podem partir de ambientes educacionais e não-educacionais. Afinal, os sujeitos o tempo todo se apropria da linguagem para se colocar socialmente e, ao pensarmos nas noções instauradas por Foucault (2012) podemos perceber que todo sujeito está inserido dentro de um jogo de poder e de verdades que balizam suas práticas discursivas, assim, pensar na língua enquanto um instrumento de dominação torna-se relevante.

É preciso, desse modo, compreender o que se toma enquanto os jogos de poder que embasam essas práticas. O poder sempre será encontrado atrelado a um saber. Uma vez que, o exercício do poder sobre o outro só é possível mediante um dado conhecimento que lhe se serve de instrumento e justificativa. Ressaltamos que esse conhecimento sempre estará ligado a um dado regime de verdade que lhe confere uma subsistência e solidez.

Levando em consideração que o poder é um conjunto de relações de forças multilaterais, onde é necessário uma fissura para a interpelação de resistência devemos pensar em como ele se estrutura. As relações de poder irão se configurar de modo difuso e capilar, ou seja, irão se espalhar pelas malhas sociais. Sendo que, nesse entrecruzamento social, estão presentes instituições discursivas que auxiliam na manutenção desse poder, como exemplo, a escola, a família, o hospital, a clínica e, de forma mais recente, a mídia.

É interessante se pensar nas relações de poder e como elas interpelam o sujeito em sua constituição social, em um primeiro momento, é relevante compreender que o poder é construído historicamente e, assim sendo, sofre evoluções no fio descontínuo da história. Assim, podemos observar que existem certas regras ou normas que sancionam a relação do sujeito com o corpo e que são sedimentadas a partir das noções postuladas pela biopolítica e, conseqüentemente pelo biopoder, pois é notório que esses princípios partem do controle político sobre a vida.

Com tudo isso que foi colocado até o presente momento, percebe-se que a Linguística Aplicada necessita ser um campo amplo. Uma vez que, suas preocupações atuais vão de encontro ao uso da linguagem em sociedade e em como ele contribui para a formação de olhares a respeito dos próprios sujeitos. Assim, ela precisa contar com o suporte da sociologia, da antropologia, da geografia, da história, da filosofia e de outras

disciplinas pertencentes ao campo das ciências humanas.

A Linguística Aplicada atual se apresenta como um campo mestiço. Isso se deve ao fato dela pertencer a um mirante teórico que busca compreender o sujeito em todas as suas vertentes e em todos os seus campos de atuação. A sociedade atual evoluiu e as teorias ao serem segmentadas não conseguem dar conta desse novo espectro problemático que se coloca em questão. Assim, faz-se necessárias algumas considerações a respeito de como essa ciência trans/indisciplinar é construída dentro do campo linguístico atual.

Em um primeiro momento, é necessário que haja um processo de desaprendizagem. Afinal, durante muito tempo concebemos que toda e qualquer disciplina deve ser fechada em verdades únicas e imutáveis que são construídas por teóricos brancos, europeus e que ela deve ser somente apreciada e não repensada e, até mesmo, ressignificada. Assim, devemos passar a enxergar que a universidade é uma instituição social que também é movida por interesses que constroem as verdades que ela impulsiona. Um exemplo claro disso é que até mesmo em ciências da natureza existem pesquisas que são reformuladas e se provam enquanto falsas.

Devemos enxergar as pesquisas elaboradas e realizadas dentro de uma universidade como um documento elaborado por um sujeito pesquisador. E considerarmos que esse sujeito tem alicerces sociais, históricos e ideológicos que, de uma forma ou de outra, modulam a forma como ele se posiciona no mundo. Ao pensarmos, por exemplo, na análise do discurso de linha francesa e que se baliza em Foucault (2012), podemos perceber que o analista já é encarado como tendo um papel individual na formação de sua pesquisa, afinal, é relevante remarcar que no campo da Análise do Discurso, o estabelecimento do Corpus já é uma primeira análise, na medida em que decidir o que fica dentro ou fora da análise remarca um posicionamento teórico do sujeito analista frente à obra que pretende analisar.

A forma como encaramos nosso *corpus* desse modo vai ser demarcado pela nossa própria visão de mundo. É por isso que na Linguística Aplicada não se considera que há uma coleta de dados, uma vez que, é o pesquisador que irá formular seus próprios dados e excluir aquilo que vai contra suas prerrogativas. Desse modo, é impossível, dentro da Linguística Aplicada se pensar em um sujeito-pesquisador imparcial e neutro.

Ao pensarmos em verdades temos que ter em mente o quanto certos eventos globais ressignificaram a forma como a verdade se apresenta na modernidade. A

Globalização torna-se um marco no que se refere à disseminação de informações. A partir desse fenômeno social os moldes que balizavam a divulgação de fatos e notícias é completamente ressignificado. Uma vez que, o fluxo de dados aumenta paulatinamente com o uso de *sites* e outros meios de comunicação o que facilita que qualquer sujeito inserido em uma esfera social consiga ter acesso a informações de qualquer parte do mundo.

Ao levarmos isso em consideração, percebe-se que a *internet* baliza e, por vezes, gera condições para o surgimento de um ambiente no qual os fatos podem se deslocar da realidade. Devemos ter em mente que essa possibilidade aparece a partir do momento que a ferramenta já mencionada concede a oportunidade de que qualquer pessoa transmita instantaneamente conteúdos que, por vezes, são impactantes sem nenhuma fiscalização ou procedimento que separe os fatos que fogem dos regimes de verdade estabelecidos. É preciso, em primeira instância, considerar que essa transposição de fatos incoerentes com a realidade provoca uma desordem que ocasiona sérias consequências sociais.

“A pesquisa mudou porque o mundo mudou” (Moita Lopes, 2004, p. 163). Ao percebemos o quanto os regimes de verdade estão cada vez mais instáveis na sociedade moderna cabe-se pensar no porquê de as pesquisas atuais necessitarem de uma ampliação em seu campo. Mesclar perspectivas se faz necessário porque os fundamentos de verdade estão cada vez mais enraizados em perspectivas que atingem diversos campos teóricos.

Um exemplo disso é pensar no ensino de literatura. Uma vez que, pensar no processo ensino-aprendizagem usando teorias somente do campo educacional e excluindo todo o contexto social que interpela os estudantes e os professores da área faz com que lancemos um olhar segmentado a respeito de como iremos enxergar as problemáticas que resvalam nesse contexto. Do mesmo jeito que é complexo pensar a questão do Escola Sem Partido sem levarmos em consideração o momento político em que vivia o Brasil e em como as minorias estão se colocando na sociedade atual.

Mesclar os campos e tornar a Linguística Aplicada um campo híbrido é importante para a nossa própria concepção das nuances que incidem sobre qualquer *corpus*. O homem moderno é complexo e necessidade de uma rede de teorias para sua compreensão. Se estabelecer em verdades postuladas em tempos primórdios pode se mostrar frágil na medida em que o homem e o mundo mudaram.

Após traçarmos essa trajetória acerca do mirante teórico cabe ressaltar algumas considerações a respeito do ensino literário. Percebe-se que, por muitos anos, o ensino de literatura ficou atrelado a uma noção de livro. Assim, literatura era concebida como o estudo de certas características de escrita de um determinado período presentes em livros. Todavia, com a Globalização e a expansão da forma como as histórias passaram a ser repassadas para os interlocutores percebe-se que literatura deixou de ser visto somente como pertencente a livros. Dessa forma, não é nenhuma surpresa que filmes e séries sejam utilizados como materialidades para o ensino de literatura em sala de aula. Sendo assim, deve-se pensar em como unir a noção de leitura com essa nova prática de ensino literário.

Ao longo dos anos, percebe-se a eclosão de diversas concepções acerca do que se considera como leitura. Contudo, compreende-se que a leitura deve ser vista como uma competência indispensável à vida sociocultural, uma vez que, muitas vezes a cultura de uma determinada região é disseminada por intermédio de textos escritos, o que acaba por convencionar que as pessoas que têm acesso a essas informações de forma crítico-reflexiva conseguem uma melhor colocação social. Essa competência pode ser desenvolvida com base em práticas distintas, estruturadas no currículo da educação básica e, principalmente, no planejamento individual do professor, uma vez que é por meio da inserção dessa competência no cotidiano da escola e em sua presença na prática docente em todos os seguimentos do ensino que os alunos irão conseguir desenvolver sua leitura interpretativa e reflexiva. Desse modo, compreende-se a leitura

como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectivas cognitivo-sociológica). (Martins, 1994 p. 31).

Assim, ao se pensar no processo de leitura que deve ser incentivado pela escola é importante se pensar no letramento e em sua influência no processo de ensino-aprendizagem. Entende-se que para que um sujeito seja considerado letrado ele necessita imbricar seu conhecimento de mundo e suas percepções críticas em sua leitura e, conseqüentemente, sua escrita. Uma vez que, parte se do princípio de que o letramento nada mais é do que uma leitura crítico-reflexiva que é cerceada pelas vivências dos alunos. Desse modo, cabe aos professores, sobretudo o de Língua Portuguesa, dinamizar e inserir textos que partem da realidade dos alunos e, principalmente, inserir novos assuntos e novas formas de percepções acerca do mundo por meio do trabalho com os gêneros textuais.



24 A 28 DE NOVIEMBRO

COSEMP

EDUCAÇÃO, TEMPO E TECNOLOGIAS:
IMPACTOS NA DESHUMANIZAÇÃO E NA
FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

X CONGRESSO | XV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

XII ENCONTRO DO PIBID | X JORNADA JURÍDICA

VIII SELIQUIM - SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IF GOIANO

Faz-se necessário, antes de qualquer coisa, nortear o que se toma como Letramento para o presente trabalho. Segundo Soares (2004), a melhor forma de se construir e balizar o processo de ensino-aprendizagem, principalmente durante a alfabetização, seria por intermédio do letramento. Afinal, ao se interpelar o ensino da escrita e da leitura com as práticas sociais em que essas emergem, a probabilidade de o sujeito tornar-se mais suscetível a lançar um olhar crítico e reflexivo durante a leitura de um texto e, nomeadamente, ao realizar a escrita de um texto. Ao se escrever um texto, independentemente do gênero textual, é necessário agregar o conhecimento de mundo à argumentação, pois, somente assim o sujeito conseguirá elaborar uma discussão acerca de um ponto de vista. Contudo, ele só atingirá esse objetivo dependendo do seu nível de letramento, haja visto que, a mera decodificação de signos e o ajuntamento de sílabas não promove um texto em toda a sua complexidade.

Ao se pensar no processo de produção textual é relevante considerar o que se toma enquanto escrita. Como se bem sabe, a escrita surge para que o homem consiga estabelecer uma comunicação mais ampla, afinal, se ele conseguisse registrar suas vivências, por exemplo, conseguiria alertar o outro de perigos e, quem sabe, expandir a forma como se relacionava com o ambiente. Desse modo, em sala de aula é interessante mostrar aos alunos o quanto escrever se torna relevante para se estabelecer contato com o outro, assim, é necessário refletir acerca do sociointeracionismo e de como as relações sociais instauradas em sala de aula são importantes para o processo ensino-aprendizagem.

A abordagem sociointeracional foi fundamentada nos pressupostos da teoria sociointeracionista proposta por Vygotsky, em que se acredita que a formação de um sujeito ocorre pelo seu contato com a sociedade, pois, é perceptível que os sujeitos modificam o ambiente ao seu redor e, querendo ou não, o ambiente acaba por modificar os sujeitos, assim, é importante que o professor e todo aparato didático que ele utilizar seja de fácil entendimento para que assim os alunos consigam interligar o que está sendo aprendido com suas experiências. Vygotsky (2007) defende os ciclos para o aprendizado, assim no primeiro momento tem-se a zona de desenvolvimento real (o conhecimento que o sujeito tem), em seguida, a zona de desenvolvimento proximal (o conhecimento que o sujeito está adquirindo no processo) e, por fim, tem-se novamente a zona de desenvolvimento real (nesse momento o novo se incorpora ao conhecimento que o sujeito já possuía).



24 A 26 DE NOVEMBRO

COSEMP

EDUCAÇÃO, TEMPO E TECNOLOGIAS:
IMPACTOS NA DESHUMANIZAÇÃO E NA
FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

X CONGRESSO | XV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

XII ENCONTRO DO PIBID | X JORNADA JURÍDICA

VIII SELIQUIM - SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IF GOIANO

Vygotsky (2007), em sua teoria, propõe que a linguagem possui duas “missões” primordiais, que são o intercâmbio social e o pensamento generalizante. Para ele o intercâmbio social pode ser descrito como o ato de se comunicar com outro sujeito, seja por fala, gestos ou outras formas de linguagem e o pensamento generalizante pode ser descrito como a imagem acústica que uma palavra possui, por exemplo, quando se fala “mão” independentemente de qualquer diferença todos os sujeitos pertencentes a essa língua devem imaginar a figura da mão. Levando em consideração essa tese é imprescindível que ao ensinar uma nova língua o professor foque nessas duas funções, principalmente no que se refere a produção textual.

Levando em consideração essas informações, é necessário observar como os filmes podem ser utilizados em sala de aula para auxiliar na construção de uma leitura crítica. Como se sabe, os filmes, em sua grande maioria, partem de uma realidade social e buscam fomentar uma crítica ou reflexão acerca de um dado acontecimento ou um fato. Assim, faz-se necessário perceber que ele pode ser concebido como um gênero discursivo, afinal, esse tipo de gênero

nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 2000, p. 301)

É notório, dessa forma, que a linguagem perpassa toda a vida social de um sujeito, afinal, é por meio dela que ele terá alicerces para fundar sua concepção social e ideológica e que, graças às esferas sociais, acabam por surgirem gêneros discursivos que fundamentam o processo de comunicação dele. Ademais, percebe-se que os gêneros discursivos são reflexos das experiências vividas pelos sujeitos e, assim, acabam por ser socialmente elaborados. Dessa forma, pode se perceber o filme como um instrumento que dinamiza o trabalho com produção textual, afinal, é importante que esse seja fundamentado em circunstâncias reais, concretas e mais próxima da realidade dos alunos, assim, o ato de escrever se tornará mais fácil e mais propício a se obter um melhor resultado.

Torna-se relevante pensar a noção de gênero textual para, assim, aprofundarmos nas discussões acerca do lúdico como suporte para a escrita. Compreende-se que gênero textual é a designação para se referir aos diferentes tipos textuais que são produzidos por

meio de diferentes formas de se utilizar a linguagem, sendo essas formais ou informais e, muitas vezes, o imbricamento entre esses dois tipos dentro de um mesmo texto. Assim, nota-se que os gêneros textuais podem ser definidos como a organização de diversas situações de comunicação que emergem em contextos sociais, ou seja, formas de se estruturar os diversos tipos linguísticos de uma língua.

Assim, com todas essas perspectivas levantadas, podemos ter em mente que a Linguística Aplicada é um campo que busca pensar os sujeitos e sua relação com o mundo por meio da linguagem. E, desse modo, ao pensarmos que “somos a todo o momento convidados ou mesmo intimados a repensar as nossas vidas sociais” (Moita Lopes, 2003, p. 17). Isto porque somos sujeitos sociais e construímos nossas identidades (sempre no plural) a partir de uma complexa relação com o espaço-tempo e com outros sujeitos. Temos que pensar as identidades não enquanto uma característica fixa, imutável, mas enquanto uma construção sempre movente de imagens para nós e para os outros. E pensar essa identidade por entremeio da linguagem faz-se necessário uma vez que ela é nossa ponte de contato com o mundo que nos cerca e do qual fazemos parte.

Para além disso, deve-se ter em mente que a concretização do ensino na área da linguagem se dá por intermédio da escrita. É perceptível que existem diversos fatores que incidem na forma de escrever dos alunos. Portanto, torna-se necessário que o professor busque metodologias e abordagens que favoreçam o processo de escrita em sala de aula. Assim, levando em consideração, o uso de filmes durante as aulas de produção textual consegue se perceber que os alunos se sentem mais confortáveis ao produzir, tendo como cerne da explicação algo lúdico. Outro fator relevante para o uso dessa metodologia em sala de aula é o fato de o filme produzir um embasamento para a formulação de discussões envolvendo assuntos que necessitam de um posicionamento crítico-reflexivo, o que acaba favorecendo que o conhecimento de mundo e a argumentação dos alunos tenham um desenvolvimento considerável.

Ademais, é importante frisar que, dentre os fatores que mais interferiram na forma dos alunos escreverem, devemos destacar a inserção da produção textual dentro das regras da gramática normativa. É relevante destacar que a gramática normativa é de extrema importância, dado que, é por meio dela que os textos se tornam compreensíveis e unificados para a leitura a qualquer falante do português, independentemente de sua região ou outros fatores que se relacionam com a produção linguística. Contudo, é

necessário se repensar o trabalho com esse tipo gramatical em sala de aula, um exemplo disso é a implementação da gramática internalizada para a produção de textos se mostrar eficaz, não obstante, é explícito que, ao se implementar um novo modelo ao ensinar gramática demanda trabalho, afinal, os livros didáticos e a própria matriz curricular não dão embasamento para que o professor exerça esse trabalho.

Assim, é notório que o gênero textual tem forte dominância sobre a forma de escrever dos alunos. Percebemos que eles têm mais facilidade com um gênero pertencente à realidade em que eles estão inseridos, seguindo assim, a concepção de Bakhtin.

Levando toda a discussão para a prática podemos tomar como exemplo o trabalho com o filme “Doador de Memórias” para inserir o gênero textual Memórias Literárias. Percebe-se que os alunos poderão compreender de forma dinâmica a importância das memórias para a vida dos sujeitos, afinal, o filme trabalhava com a relevância que elas têm para a constituição dos sujeitos. As discussões que provavelmente eclodirão em sala de aula foram de suma importância para que eles percebam a notoriedade do gênero textual em estudo. Outro ponto positivo do uso do filme como norteador da escrita será a possibilidade de que os alunos produzam textos concisos e que, mesmo sendo relatos de histórias que viveram ou que escutaram, argumentem em torno de um ponto de vista.

O filme com alto teor crítico permite que os alunos desenvolvam sua argumentação. Percebe-se que é importante incentivar e fomentar discussões em sala de aula, mesmo em séries iniciais, pois, a partir desses debates é que os alunos irão desenvolver a forma de defender um ponto de vista acerca de um determinado tema. Todos os alunos, ao escreverem suas memórias literárias, buscarão explorar a importância de suas memórias com base no que discutiram em sala de aula. É importante que o trabalho com textos que embasem a reflexão dos alunos comece a ser trabalhados de formas mais intensa para que, assim, eles se tornem mais preparados para fazer a redação do ENEM, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo que foi discutido acerca de como as vivências interpelam o processo de ensino-aprendizado e em como a escrita é essencial para a concretização dele na área de linguagens, algumas considerações se fazem necessárias. Ao acompanharmos o processo de escrita dos alunos conseguimos realizar algumas

considerações acerca das *performances* de escrita presenciadas em sala de aula.

Consegue-se perceber que a obrigatoriedade em utilizar a norma padrão para desenvolver os textos propostos acaba por exercer certa inibição no modo de escrever dos alunos. Assim, a implementação da gramática internalizada para a produção de textos se mostra eficaz, contudo, é claro que implementar um novo modelo ao ensinar gramática demanda trabalho, afinal, os livros didáticos e a própria matriz curricular não dão embasamento para que o professor exerça esse trabalho.

Torna-se claro, também, que o gênero textual tem forte dominância sobre a forma de escrever dos alunos. Percebemos que eles têm mais facilidade com um gênero pertencente à realidade em que eles estão inseridos, seguindo assim, a concepção de Bakhtin. Dessa forma, conseguimos perceber que existem diversos fatores que incidem na forma de escrever dos alunos, contudo, a maneira com que o professor trabalha em sala de aula é que irá determinar se as produções textuais requeridas terão ou não êxito durante a execução.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos**. Scripta, v. 7, n. 14, 2004, p. 159 – 171.

_____. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (Orgs.). Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11 - 24.

_____. (Org.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **“Socioconstrucionismo: Discurso e Identidades sociais”**. In: Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, Revista Ícone Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Volume 17 – Novembro de 2017 – ISSN 1982-7717 131 sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. São Paulo: Mercado de letras, 2003, p. 13-38



24 A 28 DE NOVEMBRO

COSEMP

EDUCAÇÃO, TEMPO E TECNOLOGIAS:
IMPACTOS NA DESHUMANIZAÇÃO E NA
FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

X CONGRESSO | XV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

XII ENCONTRO DO PIBID | X JORNADA JURÍDICA

VIII SELIQUIM - SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IF GOIANO

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007